

**RESENHAS**

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Apesar das segundas-feiras*  
Sobre O homem que odiava a segunda-feira.  
São Paulo: Global, 2000. 165 p.

---

Há várias maneiras de se ler um livro. Em *Angústia*, de Graciliano Ramos, em certo momento da dura labuta de operário da palavra, o narrador - que, como Graciliano e Loyola Brandão é também jornalista - afirma: “Qualquer livro lido por obrigação é um estropício”.

A proposta de ler *O homem que odiava a segunda-feira* com a obrigação de escrever uma resenha me acenava assim com as piores expectativas, podendo a obrigação, no caso, comprometer seriamente a minha recepção da obra.

Há várias maneiras de se ler um livro. Por isso mesmo, eu me predispunha a crer nas “aventuras possíveis” do subtítulo, o que, já de saída, me prevenia de cair no mesmo tom rancoroso do narrador-personagem do primeiro conto. Ele começa destilando o seu mau-humor por conta de formigas com que se depara no açucareiro pela manhã, coisa que só pode mesmo creditar às segundas-feiras, quando tudo, o pior acontece. E esse mau-humor vai, incontinenti, bater na orelha do zelador e se espalhar pelo prédio, pelos arredores, pelas padarias (“esse costume tão paulistano”), pela cidade, pelo mundo, pelo livro inteiro.

E por esse mundão afora vamos conhecer os diversos personagens, que vão surgindo e tornando a surgir em circunstâncias as mais inesperadas ao longo das páginas deste livro, já que pertencem, todos, a esse mesmo mundo caótico e luminoso da cidade grande: o homem que perdeu a mão na caixa do correio; o homem que odiava a segunda-feira; a esposa do homem que odiava a segunda-feira; a ex-namorada do narrador, nua na foto feita por uma polaróide; a mulher que fugiu com o dono da locadora em busca de uma vida mais recheada de peripécias, ou melhor, de fitas de vídeo; o homem que perdeu a própria sombra; e a multidão dos anônimos, malucos, supersticiosos, neuróticos, surtantes, ignorantes, indiferentes, passantes, vendedores, compradores de carro, cheiradores de cola, pesquisadores, apresentadores de tv, membros de igrejas pentecostais, organizações não-governamentais, enfim, um enorme contingente, órfãos de um tempo em que se podia, com tranqüilidade, explicar o que é o mundo a uma formiga, acreditando mesmo saber o que é o mundo.

Mas, por baixo desse mau-humor incurável, desse horror às segundas-feiras, desse horror a tudo, que vai perpassar todas as falas e reflexões dos personagens destes quatro contos e uma quase-novela, há inúmeras aventuras possíveis.

Para além de todos os grandes temas que os perpassam, para além das leituras preocupadas com desvendar-lhes o conteúdo, a mensagem, o leitor pode seguir também, e quiçá com melhor proveito, o fio anunciado pelo subtítulo.

Uma grande aventura é, sem dúvida, acompanhar as narrativas com uma lupa, a exemplo do que faz o personagem-narrador para melhor compreender a expressão facial daquela sua interlocutora muito especial, uma formiguinha, a deradeira, posto que, decidido, de todas as outras havia dado cabo.

E nós, leitores, vamos por aí, à cata dessa grande aventura que é fazer (escrever e ler) literatura.

Logo à primeira página, em meio ao mau-humor do diálogo com o zelador, surge a primeira de uma série de questões com que o narrador constantemente se debate, quando dialoga, e isso vai se repetir, para deleite do leitor, pelas cento e sessenta e quatro páginas do livro, com o seu próprio material de trabalho, as palavras. O zelador lhe diz "... chame o formigueiro". No caso, alguém que entende de formigas. Mas o susto não tem a ver tanto com o vocábulo inesperado, mas com o fato de que houvesse alguém assim especializado em plena São Paulo, e isso como se fosse fato óbvio ali haver formigas, num apartamento, no alto de um arranha-céus, em meio à selva de cimento.

E o leitor já se sente atraído para esse jogo das "aventuras possíveis", do trabalho com a linguagem, da convivência em intimidade com as palavras, que é a marca dos autores, num certo sentido, verdadeiramente engajados.

O leitor vai saber depois, ou duvidar então, juntamente com o narrador, da existência de "semanólogos" e "despertólogas". Vai compartilhar de atrações ou repulsas com relação a vocábulos como "exdrúxula", "dissabores", entre tantos outros. Vai saber que o Aurelião serve e não serve para alguma coisa, mas há que consultá-lo, para saber que "lá" também quer dizer "às abas". Vai se surpreender com as suas próprias dúvidas, inseguranças, surpresas, encantamentos com o próprio idioma, cúmplice que é do narrador. Vai conhecer um "soteropolitano atabalhado". (Ah! Um soteropolitano. Também conheço essa palavra de gincana!) Vai saber que chefes de gabinete falam "sem vírgulas, apenas com um ou outro ponto para respirar". Vai acompanhar um diálogo ("possível"! ) entre alguém que fala com algumas consoantes maiúsculas (em "KersgatoNula! KersgatoiNula!") e uma outra que também fala aquelas mesmas palavras indecifráveis da sua mesma língua comum, o português (?), só que com algumas vogais maiúsculas. E depois o leitor vai saber que enquanto falam, se fazem compreender, como nos filmes estrangeiros, por uma legenda azulada projetada na testa. E, em meio àqueles vocábulos esquisitos, uma idéia se intromete, revestida de uma das nossas tantas palavras-de-Tróia: procurar um "otorrinolaringologista".

E são inúmeras as trilhas do bom-humor espalhadas por esse verdadeiro arsenal de curiosidades e surpresas lingüísticas aqui arregimentadas pelo autor, para não falar desse outra grande fonte de surpresas, de prazeres, de aventuras possíveis, que são as pérolas flagradas em nosso falar cotidiano, esse nosso repertório comum, o mar de informações em que naufragamos.

Em dado momento, o narrador, com razão, se pergunta se esse mundaréu de informações também é conhecimento. Ou então, podemos arriscar dizer, há aventuras sem conta nesse nosso relicário-pop de bobagens, naquilo que se ouviu dizer, naquilo que se leu não se sabe muito bem onde, nas coisas em que acreditamos ou não acreditamos, que ficaram por aí ao longo da estrada, ditos e não-ditos, parlandas, toleimas, besteiras, de um tempo em que não se dizia, por exemplo, “zoar”, mas sim “gozar”, e coisas quetais: o som do Fantástico, a voz do Silvio Santos, os grandes longuíssimas-metragens do cinema em seus tempos heróicos, uma peça recente sobre as irmãs Linda e Dircinha Batista, os congestionamentos de helicópteros no céu de São Paulo, as gírias, Doris Day, o filme Cabaret e as inúmeras outras referências ao cinema - uma das paixões do autor -, o vírus MondayMonday, que faz o narrador se lembrar de um sucesso dos Beatles e leva o leitor a conferir se aquele não fora um lapso, se não era afinal dos Mamas and Papas aquela música em homenagem à segunda-feira.

Tudo isso servindo a uma reflexão muito ampla e profunda sobre os acontecimentos que nos acometem neste momento da nossa acidentada e vertiginosa trajetória comum. E, sobretudo, uma reflexão sobre tudo aquilo que se criou em termos de repertório lingüístico enquanto todas essas bobagens iam, estão, irão acontecendo. Premido pela aceleração dos acontecimentos, deliciosamente, o narrador patina sobre os tempos verbais e sobre o que seria deles, caso a noção de tempo por nós conhecida e praticada viesse de fato a desaparecer.

Esse bom-humor, presente em cada linha ou entrelinha da lavra mais recente de um autor que alguns insistem em tratar como sendo um pessimista notório, tem sua raiz, certamente, na crença de que todas as aventuras, apesar das segundas-feiras, ainda são possíveis. Especialmente essa grande aventura que só a literatura permite, brindando-nos com um outro olhar sobre aquilo que nos é mais familiar, o nosso dia-a-dia, as nossas palavras mais corriqueiras.

Um livro de cuja leitura saímos de certa forma justificados, como que restabelecidos, e profundamente gratos pela proximidade que o seu narrador nos oferece, pela revelação de que a comunicação ainda é possível, de que este mundo que com ele dividimos é possível, sim, e cheio de aventuras imprevisíveis. Como nos gibis, como na literatura escrita para crianças e para jovens, como nas matinês de antes, como nas sessões de cinema de sempre, como nas mais inquietantes narrativas dos românticos (De Adelbert von Chamisso, Loyola reescreve o *Peter Schlehmil*, o homem que vendeu a sombra ao diabo), como nas mais ousadas aventuras imagéticas dos surrealistas (na capa, um Magritte), enfim, como na melhor literatura.

José Pedro Antunes  
UNESP

“Talvez Deus mantenha alguns poetas à sua disposição (vejam que digo poetas!) para que o falar sobre Ele preserve a sacra irredutibilidade que sacerdotes e teólogos deixaram escapar de suas mãos.” Esta citação de Kurt Marti – ele também poeta e pastor evangélico – vem como epígrafe à obra de Karl-Josef Kuschel, teólogo alemão, nascido em 1948, e vice-presidente da Fundação Ética Mundial, preocupado com os possíveis liames entre literatura e religião.

Como Teologia – ciência que se debruça reverentemente ao estudo dos dogmas e das verdades divinas – enfrenta a ficção, que, liberta de quaisquer amarras da exegese, se cria em vôo livre? Qual a identidade de cada discurso e quais as suas singularidades? Em que espaço se concretiza tal diálogo, quais as balizas e que resultados produz? São questionamentos que Kuschel pretende transferir para seu leitor. E não sem razão, porquanto, desde bem remotas épocas, o fazer literário, em antipódicas formas e técnicas, “invoca” a Trindade, ou uma de suas pessoas, para a construção do texto, nem sempre “ortodoxo”. Vale lembrar alguns nomes de uma lista interminável de escritores que trouxeram a divindade às páginas: Dostoievski, Benn, Rilke, Dobraczynski, Brod, Kafka, Herburger, Andermann, Huchel, Celan, Grass, Arrabal, Hemingway, Borchert, Balzac, Brecht, e – entre os nossos – Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Cornélio Pena, Alceu Amoroso Lima, Otto Lara Resende, Adélia Prado...

Renegando, confessando ou, simplesmente adotando a experiência religiosa sem compromisso ulterior, a criação ficcional se vê permeada de valores teológicos. O trabalho de Kuschel insere-se nesse espaço de inter-relacionamento dos diversos ramos do conhecimento. Ele quer deixar de lado qualquer caráter de hegemonia de um fazer sobre o outro. Sem pretender preceituar, Kuschel deseja propiciar um diálogo entre Teologia e Literatura. O teólogo alemão alinha-se, portanto, com o pensamento de Christian Descamps: “A irreverência científica avança sem precisar de ordens nem de um princípio de autoridade que a legitime. Nossa modernidade está reformulando as grandes questões filosóficas, a partir de interrogações mais sábias. É estimulante descobrir que há metafísica na física, poesia na matemática, desejo na história, filosofia na administração política e na economia. Essas rupturas, essas interfaces vão abalar vigorosamente os programas por demais acadêmicos”.

Dividido em seis capítulos, o livro pretende, inicialmente, ocupar-se da ten-

sa relação entre religião e literatura. Indaga da crítica estético-literária à religião e da crítica religiosa à estética, particularizando como *pars pro toto* os casos Gottfried Benn, Bertolt Brecht, Hermann Hesse e Reinhold Schneider. O autor toma posição ao lado dos que permitem aos escritores dizer tudo o que têm a dizer. Parece-lhe que uma teologia que os intercepte e que lhes corte a palavra põe a nu a sua fragilidade de sustentação, vale dizer, sua credibilidade.

O segundo capítulo dá espaço ao judeu Kafka, ser dividido, “abismo cheio de luz” que professava: “Não fui conduzido à vida pela mão – aliás, já enfraquecida – do cristianismo, como Kierkegaard e não agarrei a última fimbria da túnica judaica de oração, como os sionistas. Sou fim ou começo.” – Segue-o Rilke com as metamorfoses da essência religiosa. Segundo Kuschel, o enfoque do processo de metamorfose da essência religiosa na obra de Rainer Maria Rilke há de ter em conta – mesmo sendo difícil acreditar – que ela é produto de um escritor distanciado ferrenha e sarcasticamente de Cristo e da Igreja e – paradoxo – ao mesmo tempo, ligado estreitamente a estes valores.

Em seguida, comparece Hermann Hesse, de berço protestante. Investiga-se aqui até que ponto se pode perscrutar a alma. Proposta audaciosa do capítulo é destruir o halo inatacável em que são entronizados os clássicos literários, não para pôr pura e simplesmente em cheque a dimensão de suas obras, mas para realçar-lhes um aspecto de grandeza: a confissão de rupturas, abismos e contradições. “É justamente quem se aproxima dos aspectos religiosos de sua obra terá de se defrontar com surpreendentes correntes e contracorrentes: águas calmas, mas também rajadas de vento semelhantes às de um furacão; contemplação idílica, mas também uma insondabilidade abissal da alma.”

O espaço seguinte é dedicado a Thomas Mann, a propósito da reflexão sobre a redescoberta do cristianismo e da ética no combate ao fascismo. Na obra manniana, Kuschel vai buscar subsídios para a polêmica sobre a necessidade de uma ética mundial e sua consolidação, a funcionalização de Deus em favor dessa mesma ética, a contribuição que a arte pode oferecer nesse âmbito, o desafio imposto pelos crimes contra a humanidade...

A obra tem fecho que atenta para o caminho de uma teopoética. Sofrendo sua face marcada mais fortemente pela teologia, o estudioso entende que, no diálogo entre os dois campos de fazer, “não se pode substituir a realidade de Deus por composições da invenção humana”; no entanto, ao se produzir o enfrentamento da crítica literária com a religião e esta com a estética, “é preciso contemplar os dois aspectos, caso se deva *manter* tensa e crítica como é a relação entre teologia e literatura.”

Traduzida a quatro mãos – Paulo Astor Soethe, Mauricio Cardozo, Elvira Horstmeyer, Ana Lúcia Welters, todos ligados à área de Germanística do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Paraná, – a obra apresen-

ta-se conexa e propicia, de capa a capa, leitura fluente, intrigante e sobretudo instigante, tanto para os leitores da Teologia como para aqueles da Literatura. Prazer maior para quem se arrisque a debruçar-se além de uma e outra, na busca de um ousado olhar que intente contemplar os dois campos, tentando travar – *malgré tout* – um diálogo, ainda que incipiente, entre eles.

*João Alfredo Dal Bello*  
UFPR

*“Ser imigrante é pertencer à única espécie de seres humanos libertados das correntes do nacionalismo (sem falar do seu horrível irmão, o patriotismo) é uma liberdade difícil de carregar”.* (Salman Rushdie)

Curioso observar que num país onde aportaram aproximadamente cem mil imigrantes árabes até a década de 50, a literatura esteja carente de obras que retratem o cotidiano desta gente no Brasil. Assim, *Nur na escuridão* (ed. Topbooks, 1999) do escritor Salim Miguel ajuda a preencher esta lacuna.

Segundo Walter Benjamin, “nem todos os livros se lêem da mesma maneira. Romances, por exemplo, existem para serem devorados. Lê-los é uma volúpia da incorporação. Não é a empatia. O leitor não se coloca na posição do herói, mas se incorpora ao que sucede a este.”<sup>1</sup> Esta é a reação que é tida diante da leitura do romance de Salim Miguel. O leitor “devora” a história, ao terminá-la lamenta seu fim, uma vez que com uma grande habilidade, o narrador ora apenas observa o desenvolvimento da história ora participa com muita emoção. Pela palavra escrita, resgata-se o tom da oralidade típica das narrativas antigas, bem como o tom da poesia árabe, a história é conduzida de modo seja *ouvida*. Paulatinamente, a história dos imigrantes envolve e angustia o leitor, que sente com o patriarca Yussuf Miguel os arrependimentos, as dúvidas e saudades. Salim Miguel, sem exotismos, caricaturas ou saudosismo típicos dos textos sobre imigração, resgata a história dos árabes no Brasil.

*Nur* é o testemunho de uma família de imigrantes libaneses que aporta no Brasil no auge do período migratório (1927) sem falar o idioma e sem conhecer ninguém, assume suas limitações e dificuldades no país que escolheram como seu. Como a maioria dos imigrantes, o patriarca não se torna nenhum *self-made man*, mas é uma pessoa que modestamente empenhou-se em dar condições dignas de sobrevivência para sua família, sem ser banal, a narrativa com serenidade re-flete, através do “Seu Miguel”, as inquietações de boa parte dos árabes no Brasil.

O narrador revisita o passado desta família, que sem espaço para sobreviver em sua terra natal e com esperança de enriquecer na “América” parte para uma “nova pátria”. Neste momento a narrativa permite que se estabeleça uma relação com a história do cotidiano dos imigrantes árabes. Estes para serem aceitos no Brasil davam o primeiro passo ao se integrarem na sociedade local pela via econômica, mascateando pelo interior. Recorrendo à idéia de pioneirismo presente na



figura histórica do bandeirante paulista, a participação cultural e econômica dos sírio-libaneses das grandes levas migratórias foi legitimada pela sociedade brasileira que ao absorvê-los na sua cultura, proferia ao mascate árabe o título de “bandeirante oriental”, forjando-lhes uma cidadania concebida na sua contribuição econômica.

O segundo passo para a legitimação do imigrante no cenário nacional seria sua absorção e assimilação da cultura local. Sendo um país singular, a coexistência cultural entre brancos, negros e índios traçou um perfil particular na cultura brasileira, formando-se aqui uma estrutura culturalmente plural. Com isso, a aculturação ou assimilação dos imigrantes transcorria pacífica e naturalmente, porém, nada impedia que um traço étnico da identidade dos imigrantes persistisse, por mais que estivessem integrados na “nova pátria.”

Como aconteceu com a maior parte dos imigrantes que vieram para o Brasil, a absorção e assimilação da cultura brasileira fora quase integral. No caso do patriarca da família Miguel, seu nome foi sendo alternado conforme assimilava os hábitos da nova terra, mas por outro lado, mesmo sofrendo as pressões para a total assimilação, mantinha-se preso às suas origens através do idioma árabe. Através dele expressaria integralmente seus sentimentos e seria ele sua forma de identificação étnica. Na língua materna, encontraria o espaço ideal para realizar seu passado.

A riqueza de *Nur na escuridão* arrasta o leitor para uma reflexão sobre as relações entre imigrantes e a “nova pátria”, lança um olhar crítico sobre o passado daqueles que acreditaram na prosperidade de um país totalmente adverso ao deles.

Ao recorrer a um texto literário, como a narrativa de Salim Miguel, é possível reviver e compreender a história não só dos imigrantes árabes no Brasil, mas de todos aqueles que abandonaram seu país em busca de “nur” (luz) para sua sobrevivência.

*Muna Omran*  
*Doutoranda IEL/UNICAMP*